



RECORDES

contos

Natalia Borges Polesso

PARA
ÁLBUM DE
FOTOGRAFIA
SEM GENTE



Para quem não restou inerte.

*Empiece por romper los espejos de su casa,
deje caer los brazos,
mire vagamente la pared, olvídense.*

Julio Cortázar

APRESENTAÇÃO

Lá por 2011, eu comecei a levar a sério a ideia de publicar um livro. Estava decidida: seria um livro de contos. Há alguns anos, eu já escrevia em e para blogs e jornais. Tinha, portanto, algum material. Em Caxias do Sul existia (a essa altura, devido a nossa situação de indigência no que diz respeito à cultura, não sei se ainda existe) um fundo de cultura, com o qual diversos artistas da cidade tiveram suas obras alavancadas. O FINANCIARTE deu visibilidade a músicos, bandas, cantoras, escritores e escritoras, atores, atrizes, performers, bailarinos e bailarinas, enfim, a uma vasta gama de pessoas comprometidas com seus trabalhos no campo da arte. Inscrevi o projeto que se chamava inicialmente *Amores, balões e outras coisas efêmeras*, o qual foi aprovado para publicação. Teria meu livro impresso. Era o início de uma jornada que, confesso, jamais imaginei que pudesse ser tão animada.

No decorrer do tempo de cumprimento do projeto, muitas coisas aconteceram e, entre elas, algo fundamental para que este livro saísse como saiu: me aproximei mais do poeta Marco de Menezes e sua companheira Camila Cornutti, membros do corpo editorial da Modelo de Nuvem, editora pela qual o livro foi primeiramente publicado e que agora é um selo, acolhido em outra casa. Já circulávamos nos mesmos ambientes e compartilhávamos algumas amizades, mas o convívio intenso e a descoberta de gostos e desgostos comuns fizeram com que estivéssemos mais afinados na tarefa.

Durante muitas quintas-feiras do ano de 2013, nos encontramos para editar o livro ainda sem título definido. Nenhum de nós gostava do nome do projeto e ficamos de extrair alguma frase ou ideia dos contos. O trabalho de edição transcorria sempre com muito cuidado e precisão. O Marco nunca invadiu meu texto, mas sempre fez leituras muito precisas e sugestões preciosas para o seu acabamento. Avaliamos as metáforas, recriamos a ordem, pensamos nas unidades e partes do livro. Não foi um trabalho fácil, os textos eram uma coletânea de oito ou dez anos de escritas, experimentos e reinvenções.

Para nosso último encontro daquela empreitada, o Marco tinha me recomendado que chegasse à casa dele com uma lista de títulos. Dentre eles estava: *Recortes para álbum de fotografia sem gente*. Eu li a lista já inclinada pelo *Recortes*, que também é título de um dos contos do livro. O maior da lista, o mais desajeitado, muitas palavras juntas, pensei. Mas a decisão foi unânime.

me. Batemos o martelo. Era o nome perfeito e que dizia muito sobre a estética dos contos: ausência de personagens marcantes, fragmentos de prosa, recortes de cenas, feitos em descrições poéticas, era isso.

Depois, ninguém nunca conseguia dizer o nome certo. Eu mesma errei algumas vezes em entrevistas e palestras. Tinha que ler direto da capa. Depois acostumei. Acostumamos. Hoje, chamamos carinhosamente de *Recortes*, há gente que ainda se confunde e diz “Retratos”. É um título estranho mesmo. Estranhamente familiar e pelo qual nutro um carinho imenso.

Meu primeiro livro estava pronto. Saiu em 14 de junho de 2013, geminiano. A caixa chegou da gráfica um dia antes do lançamento. Lembro da emoção que foi vê-lo pronto para o mundo. No mesmo ano, ganhamos o Prêmio Açorianos de Literatura, na categoria *contos*. Felicidade imensa para uma autora estreante.

Hoje, o *Recortes* encontra uma nova casa e uma segunda edição na Não Editora.

Fico extremamente feliz e desejo vida longa ao *Recortes para álbum de fotografia sem gente*.

Natalia Borges Polesso, primavera de 2018

SUMÁRIO

10 CUIDADO QUEBRADIÇO

Aquilo não bastava / 11

A tua imagem / 14

A última dança / 16

*Pertencer a qualquer parte
do chão / 18*

Conto para Elisa / 20

Ana / 25

Eu quase te amei / 27

*Convulsionávamos à luz
das ideias / 29*

Clichê / 32

Ela esperou / 36

*Recortes para álbum de
fotografia sem gente / 37*

Ignatia amara / 39

*Deito meu corpo sobre
o dorso dela / 42*

Depois / 44

46 MAS SAIBA QUE ESTES ÚLTIMOS NÃO TERÃO O MESMO EFEITO QUE O PRIMEIRO

Andávamos tristes / 47
Eu não fumava / 50
O que vai no vento / 54
Boca e olhos enormes / 56
Balões / 59
Abstração meta-
-contada / 62
Adágio / 63
Algorítmico algo
rítmico / 66
Se, ao acordar / 68
Trinta / 70
Cuspiram-me/ 72

74 PORQUE É ESTRANHO CONTER SILÊNCIOS

Formiguinhas / 75
Dona Convalescida / 78
O erro do guarda / 81
Vida manca / 84
Noite / 87
Envelope / 91
O homem podre / 95
A mostra / 98
Enquanto Morrissey se
desculpava / 101

104 UM IMPEDIMENTO BEM NO MEIO DA VONTADE

Ao molho de amoras / 105
Cinquenta e sete abacates
e dois funis / 109
((d)ela) / 110
Um coque / 111
No fundo do lago / 114
Setecentos golpes / 116
Ladeira / 118
Um dia / 120
Era uma menina
linda / 122
Não queria / 124
Tara recíproca / 128

130 FÁBULAS DO GUARDA-ROUPA

Camiseta branca / 131
Vestido vermelho / 134
Colar de pérolas / 136
Calça jeans / 139
Casaco de veludo / 141
Manta marroquina / 144

Sobre a autora / 146
Texto da orelha / 147
Créditos / 149

CUIDADO

QUE
BRA
DIÇO

Aquilo não bastava

E pensou, *ser amada* era o suficiente. Foi adulada e admirada incondicionalmente. Com o tempo sentiu que isso não bastava. Então, ela decidiu que *amar* era o suficiente, amar por dois ou três, quem sabe. Entregou-se até a última gota de si e teve prazer em doar-se assim. Com o tempo ela sentiu que aquilo não bastava. Então decidiu que queria *amar e ser amada*. E o fez. Com o tempo ela percebeu que aquilo também não bastava. Tão triste e incrédula que estava, resolveu morrer. Jogou-se de um prédio e de forma bem dramática pousou na calçada, toda quebrada. Percebeu que aquilo não adiantava. Era uma grande besteira morrer. Então, reviveu, mas aquela dor, aquela dor não passava. Então, foi a um psiquiatra. Ele receitou comprimidos muito fortes que a faziam morrer em vida. Ela gostou daquele estado por um tempo, mas viu que aquilo não bastava. Então, ela foi a um banco.

E aplicou todo seu dinheiro em ações. Ficou rica num instante. Esbanjou como pôde e quis, e ainda sobravam cifras imensuráveis. Com o tempo ela viu que aquilo não bastava. Então, ela foi a uma vidente. A mulher lhe disse coisas assombrosas. Ouviu atentamente, deu-lhe toda a sua fortuna e matou uma galinha. Tingiu-se do sangue e esperou por seu destino. Nenhuma mudança ocorreu, a não ser ter ficado pobre. Viveu na rua por um tempo, roubando e usando drogas baratas para poder suportar aquela dor, aquela dor que não passava. Chegou a condições sobre-humanas, sim, sobre. E ali permaneceu desfrutando de sua sina. Com o tempo viu que aquilo não bastava. Então, ela pegou uma carona e foi viver no campo. Achou trabalho em uma estância. Não falava. Achavam que ela era muda ou louca. Ou muda e louca. Cega não era, decerto. Nem surda. Seu voto de silêncio levou-a a intrincados conceitos de vida e modo de vida. E quando abriu a boca pela primeira vez em tantos anos, desatou a falar. Foi um tratado sobre a existência, um tratado filosófico sobre. Pediram que repetisse aos amigos e parentes dos estancieiros. Ela o fez. Pediram que repetisse mais uma vez, ela sem pestanejar o fez. E assim muitas vezes. Com o tempo viu, aquele lero-lero não bastava. Então, ela resolveu publicar um livro. Para tanto, voltou a seu silêncio e abandono do externo e, de uma só vez, escreveu tudo. E como se não bastasse, ainda escreveu mais um tratado, “Das coisas pequenas e simples”, que saiu junto com o primeiro. Quando ia engatar uma

terceira obra, viu que aquilo não bastava. Então, ela foi vender os livros. Muitas pessoas compraram, muitas pessoas reproduziram as suas ideias. Um filme foi feito e ela foi convidada a participar. Com o tempo, ela viu que aquilo não bastava. Então ela comprou um telefone, mas não tinha para quem ligar, e também não poderia conversar com uma pessoa àquela altura da vida. Logo, ela jogou o telefone no lixo. E comprou um microfone e um amplificador. Agora sim, não precisaria falar a uma pessoa, poderia falar a ninguém e a todos os interessados ao mesmo tempo. E falou, falou, falou tanto que a língua secou e paralisou. E então ela voltou ao silêncio, mesmo tendo um microfone, um amplificador e uma plateia. Ficava no meio de tudo, acima de todos com a língua inútil e os olhos mansos. Assim foi por incontáveis dias. Com o passar do tempo, ela percebeu que aquilo não bastava. Então ela decidiu esquecer tudo. E como quem apaga um poema feio, escrito a lápis, ela se desfez de todas as memórias que tinha. O que restou foi um grande espaço em branco, um enorme e envolvente vácuo, um mar de folhas contínuas, umas iguais às outras. Um espaço sucedendo o outro. Ela corria para um lado e acabava no mesmo, sem deixar vestígio algum e sem achar qualquer sinal de lembrança vivida ou mesmo inventada. O vazio foi ficando dolorido e aquela dor, aquela dor não passava. Com o tempo ela entendeu que aquilo não bastava. Então ela teve uma ideia. E pensou, *ser amada* era o suficiente.

A tua imagem

A tua imagem era agora a junção de mil imagens. Eu podia te reconhecer de alguma forma, havia ainda um traço que delineava uma parte do teu rosto. Linha torta aqui e ali. Riscos reforçando contornos errados, mas era mesmo tu. Vez ou outra, uma linha muito fina perpassando o desenho integral se via tão infimamente solitária que parecia tudo ter acabado ali. Era então que eu podia te reconhecer. Nas pequenas linhas isoladas e frágeis, fora daquela confusão de mãos, pernas e traços grossos.

Um silêncio repentino, antecedido de algumas repetições, como se fosse um disco estragado, pedindo por favor que alguém lhe arrumasse a agulha. Ou que alguém ainda dançasse de olhos fechados e, de olhos fechados, pudesse delinear com perfeição as memórias que restaram de ti. A tua imagem dançando no vazio

de uma folha branca, nas costas de um papel de anúncio, rolando no meio-fio. Risco mais riscos e forço uma outra perna contra a tua com um risco tosco de carvão.

A última dança

Essa é uma história real e tem início e fim. Aconteceu comigo. E tu deves te perguntar agora se aconteceu contigo também. Foi no dia em que eu te levei para dançar e que vestimos nossas melhores roupas. Naquele dia, quase no fim da tarde, tu te lembras? Nós decidimos dançar para sempre. Foi engraçada aquela conversa de loucos. Dançar para sempre com sapatos confortáveis. Simples, pretos e leves. Eu calcei os teus e tu os meus e nos sentimos tão bem. E depois, sem roupa nenhuma sobre nossos corpos, ensaiamos alguns passos bregas, como se um bolero tocasse discretamente no rádio, sim, às cinco horas da tarde. Eu disse que tu eras a melhor dançarina com quem eu já tinha entrelaçado as pernas e tu não disseste nada, apenas baixou os olhos e trocou os pés rapidamente para não pisar nos meus. Apertava a mão na minha cintura e suave na palma da outra que me conduzia.

Naquela tarde abrimos as janelas da casa e um vento fino e traiçoeiro soprou as cortinas para nos atrapalhar. As persianas musicavam o vento cadenciado para duas xícaras de café abandonadas no canto da mesa. O resto de nós também ficara por ali. Fio de cabelo balançando sobre folha de jornal tão antigo quanto o dia anterior. Parecia que antes não existíamos. Foi num tempo particular que toda a história aconteceu.

Volteamos até o quarto, eu escolhi o teu vestido preferido. Tu escolheste meu pijama. Eu achei bonito quando tu mediste a camisa por cima do meu peito e alisaste as rugas vincadas com as costas da mão. Depois seguimos tão desastrados pelo corredor até alcançarmos o alvo que o sol projetava no chão. Senti meus pés quentes tropeçarem entre um passo e outro. Tu foste amolecendo e inclinaste a cabeça para trás numa sonolência que só o fim da tarde propicia.

Ali, bem no meio daquela dança, decidimos de improviso que nos amaríamos sempre, e nada, naquele momento, nem aquém, nem além de nós mesmos se conservou. No entorno do teu abraço, o mundo foi ficando vazio e cada fragmento do que não nos pertencia foi esvaecendo sem pressa de desexistir. Naquele segundo imortal, os corpos se confundiram. Só o vento que ali passava percebeu.

O choque dos nossos lábios foi tão agudo que a fúria dos bem-amados nos consumiu.